



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Especialização em Informação Científica e Tecnológica em Saúde

BIBLIOTERAPIA PARA PACIENTES ADULTOS INTERNADOS EM UMA UNIDADE HOSPITALAR: UMA PROPOSTA DE HUMANIZAÇÃO

Luciane Berto Benedetti

Orientadora: Ana Cláudia Meira

Porto Alegre, 2008

LUCIANE BERTO BENEDETTI

**BIBLIOTERAPIA PARA PACIENTES ADULTOS
INTERNADOS EM UMA UNIDADE HOSPITALAR: UMA
PROPOSTA DE HUMANIZAÇÃO**

Orientadora: Ana Cláudia Meira

Projeto de pesquisa apresentado como pré-requisito de conclusão do curso de Especialização em Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Parceria da Fundação Oswaldo Cruz com o Grupo Hospitalar Conceição

Porto Alegre, 2008

“Há bons livros, livros quaisquer e livros ruins. Entre os bons, há os que são honestos, inspiradores, emocionantes, proféticos, edificantes. Mas na minha língua há outra categoria, a dos livros-há! Os livros-há! São aqueles que determinam, na consciência do leitor, uma mudança profunda. Eles dilatam a sua sensibilidade de tal maneira que ele se põe a olhar os objetos mais familiares como se os observasse pela primeira vez. Os livros-há! galvanizam. Atingem o centro nervoso do ser, e o leitor recebe um choque quase físico. Um arrepio de excitação percorre-o da cabeça aos pés.”

Vernon Proston

RESUMO

Este projeto de pesquisa pretende analisar a importância da Biblioterapia no processo de tratamento de pacientes adultos internados em uma unidade hospitalar. Apresenta conceitos, objetivos e a importância da prática biblioterapêutica. Destaca sua aplicação em diversos hospitais do país com a finalidade de minimizar a tensão dos pacientes em tratamento hospitalar, como também de seus acompanhantes, proporcionando um ambiente mais agradável e familiar. Relata sobre a leitura com objetivo terapêutico e como ela vem sendo aplicada em ambientes hospitalares, amenizando a solidão e a tristeza, proporcionando momentos de felicidade, de sonho, de magia e de descontração. Avalia se esta prática pode vir a ser desenvolvida como uma estratégia de humanização, visando à qualidade no atendimento e uma internação mais humanizada. Terá como participantes pacientes adultos internados no Setor de Hematologia do Hospital Nossa Senhora da Conceição, do Grupo Hospitalar Conceição, localizado em Porto Alegre/RS. O estudo será realizado através de uma pesquisa qualitativa. Os instrumentos utilizados para a coleta das informações serão a observação participante e a entrevista semi-estruturada. Os dados serão analisados através da técnica de Análise de Conteúdo. Pretende-se assim, obter a opinião dos pacientes adultos internados no Hospital Nossa Senhora da Conceição sobre a prática da Biblioterapia. Os dados serão comparados com a literatura existente a fim de verificar se esses confirmam a teoria, ou seja, analisar se a Biblioterapia tem ou não função terapêutica para pacientes adultos e se eles têm ou não interesse em participar dessa prática em um ambiente hospitalar.

Palavras-chave: Biblioterapia; Leitura terapêutica; Pacientes adultos; Hospitais; Humanização

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	7
2.1 Biblioterapia.....	7
2.1.1 História.....	7
2.1.2 Conceitos.....	7
2.1.3 Objetivos da Biblioterapia.....	8
2.1.4 Aplicação da Biblioterapia.....	8
2.1.5 A Técnica Biblioterapêutica.....	9
2.2 A Leitura e sua Função Terapêutica.....	12
2.3 Biblioterapia como Proposta de Humanização.....	14
2.3.1 Propostas Biblioterapêuticas Desenvolvidas no País.....	16
3 OBJETIVOS.....	19
3.1 Objetivo Geral.....	19
3.2 Objetivos Específicos.....	19
4 METODOLOGIA.....	20
4.1 Pesquisa.....	20
4.2 Participantes.....	20
4.3 Instrumentos.....	20
4.4 Procedimento de Coleta dos Dados.....	21
4.5 Análise dos Dados.....	22
4.6 Aspectos Éticos.....	23
4.7 Divulgação.....	23
5 CRONOGRAMA.....	25
6 ORÇAMENTO.....	26
REFERÊNCIAS.....	27
APÊNDICE A.....	30
APÊNDICE B.....	31

INTRODUÇÃO

A palavra biblioterapia tem origem grega e significa: “Biblion” – material bibliográfico e de leitura, e “Therapein” – terapia, tratamento. Biblioterapia é a terapia por meio de livros, ou a cura através da leitura. Tanto na origem grega, quanto na hebraica, tem o significado de atitude preventiva. Terapia é cuidar do ser.

Biblioterapia é uma técnica com função terapêutica que envolve a prescrição de materiais de leitura pré-selecionados, conduzida por uma equipe multiprofissional. Apresenta como objetivos auxiliar a superar os conflitos emocionais relacionados à vida real e proporcionar momentos de descontração e lazer, visto que alguns pacientes permanecem internados em um hospital por um período superior a duas semanas e encontram-se isolados do mundo exterior, repletos de indagações sobre seu estado de saúde.

Nesta técnica, a leitura tem a finalidade de minimizar o estado de tensão dos pacientes em tratamento hospitalar e de seus acompanhantes; visa tornar o ambiente hospitalar mais agradável e familiar, de modo que as pessoas se sintam mais acolhidas.

Durante a internação, em função da dor, do medo, das incertezas e da inserção em um local distante de seus familiares, dos amigos, de seu trabalho, de sua casa, talvez seja interessante para ajudar na recuperação do paciente, criar um espaço, ou um momento para ouvir e ser acolhido.

A melhoria da qualidade e a humanização do atendimento vêm sendo buscadas por muitos hospitais nos últimos anos. Alguns já estão incluindo o método biblioterapêutico como uma proposta de humanização, em especial para o público infantil. A técnica tem auxiliado na recuperação da criança, aliviando tensões, angústias, medos e diminuindo a ansiedade.

A aplicação da Biblioterapia para pacientes adultos internados em uma unidade hospitalar está sendo desenvolvida em alguns hospitais do país. Tem como pretensão proporcionar uma internação menos dolorosa e agressiva, humanizando o tratamento hospitalar. Diante desse contexto, pergunta-se: será que a Biblioterapia poderia ser trabalhada como uma proposta de humanização também no Grupo Hospitalar Conceição?

A humanização está relacionada ao saber ouvir e conversar com os pacientes, tratar o indivíduo como um todo. Isso tudo pode ser trabalhado na Biblioterapia. Através dela, o paciente internado poderá receber atenção e passar a se sentir cuidado. Poderá ser um momento de descontração, de observar, de escutar, de interagir, de dialogar, o que poderá proporcionar uma relação de confiança entre pacientes, familiares e funcionários.

Este projeto visa analisar a validade da prática biblioterapêutica para pacientes adultos internados no Hospital Nossa Senhora da Conceição. Para isso, dentre os diversos setores foi escolhido o Serviço de Oncologia e Hematologia, entretanto apenas os pacientes da Hematologia serão o objeto deste estudo. Acredita-se que, por permanecerem internados por um período geralmente superior a dez dias, por não estarem cercados de muita aparelhagem médica, por seu estado de lucidez e também por, praticamente, não possuírem nenhuma atividade de lazer, eles terão condições de avaliar melhor a prática e os efeitos da Biblioterapia.

A grande maioria desses pacientes são portadores de leucemia. Muitos encontram-se fragilizados, pois, de repente, se deparam com o diagnóstico, com o tratamento, com o medo da morte. Alguns se recusam a aceitar que estão doentes; já outros procuram informações a respeito da doença e do tratamento.

Considerando as difíceis etapas que o portador dessa doença enfrenta, questionamos: será que a Biblioterapia é um recurso que faria diferença no processo de tratamento de pacientes adultos internados no Setor da Hematologia?

A realização deste estudo se dará através de uma pesquisa qualitativa. Os instrumentos utilizados para a coleta das informações serão a observação participante e a entrevista semi-estruturada e para a análise de dados será utilizada a técnica de Análise de Conteúdo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Biblioterapia

2.1.1 História

A Biblioterapia não é uma técnica atual. Segundo Alves (1982), o uso da leitura com fim terapêutico vem da Idade Antiga. Registros mostram que, no antigo Egito, as bibliotecas eram vistas como locais de conhecimento e espiritualidade. Os gregos também associavam os livros ao tratamento médico e espiritual, concebendo suas bibliotecas como “a medicina da alma”. Em 1802, o pesquisador Benjamin Rusch já recomendava a leitura como terapia para doentes de um modo em geral e, em 1810, passou a recomendar como apoio à psicoterapia para crianças, adolescentes, adultos e idosos que estivessem com problemas referentes à depressão, conflitos internos, medos e fobias.

De acordo com Caldin (2001), em 1949, Caroline Shrodes, da Califórnia, defendeu sua tese “Bibliotherapy: a theoretical and clinica-experimental study”¹ lançando as bases da Biblioterapia atual.

Percebe-se, então, que a aplicação dessa prática é antiga e vem sendo utilizada em diferentes épocas, por vários profissionais como bibliotecários, psicólogos, médicos, filósofos e educadores e é desenvolvida até os dias de hoje.

2.1.2 Conceitos

Caldin (2001) define Biblioterapia como uma atividade de leitura dirigida, acompanhada por uma discussão em grupo. Tem como função favorecer a interação entre as pessoas, ajudando-as a expressarem seus sentimentos, angústias e anseios, e proporcionando uma troca de experiências e valores.

Seitz (2006, p. 19) conceitua Biblioterapia como

um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais e leituras planejados [sic], conduzidas e controladas como um tratamento, sob a orientação médica para problemas emocionais e de comportamento, devendo ser administrada [sic] por um bibliotecário treinado de acordo com as propostas e finalidades prescritas. Os fatores importantes dessa atividade são: os relacionamentos estabelecidos, as respostas e as reações do paciente, a entrega do relatório ao médico para interpretação, a avaliação e a direção do acompanhamento.

Para Ferreira (2003, p. 38), “a Biblioterapia se constitui, então, num [sic] processo interativo de sentimentos, valores e ações, tendo como resultado final um processo harmônico

e equilibrado de crescimento e desenvolvimento pessoal”. Ainda de acordo com Ferreira, é uma técnica que trabalha com a mudança de comportamento do indivíduo através do autoconhecimento, utilizando qualidades racionais e emotivas do paciente. Ao refletir sobre o que leu, o indivíduo reflete também sobre seus problemas, seus conflitos, aliviando seus temores e estimulando novos interesses.

2.1.3 Objetivos da Biblioterapia

Sintetizando os pensamentos de Ouakin (1996), Caldin (2001), Ribeiro (2006), Seitz (2006) e Nascimento (2007), citam-se como objetivos da técnica biblioterapêutica: auxiliar na adaptação hospitalar, diminuir a sensação de isolamento, estimular novos interesses, aliviar o estresse e as tensões diárias, incitar o crescimento emocional, ajudar a lidar com sentimentos de raiva e frustração, perceber que seu problema já foi vivenciado por outras pessoas e que estes são universais, ajudar a libertar-se do medo, diminuir a angústia, a tristeza e a solidão, amenizar a depressão, ajudar o paciente a conversar sobre seus problemas, facilitar a socialização, estimular a criatividade e a imaginação, aumentar a auto-estima, proporcionar momentos de alegria e descontração, incentivar o hábito pela leitura, proporcionar uma atividade de lazer.

Ao referir-se a pacientes adolescentes, Ribeiro (2006, p. 114) salienta que a prática biblioterapêutica

ajuda (...) a superar o medo, a angústia, a tristeza e a ansiedade que acompanham uma doença, contribuindo para a promoção do bem-estar e auxiliando a implementação do tratamento, a prevenção dos males e minimizando os problemas pessoais. Colabora no desenvolvimento emocional e na mudança de comportamento, provocado pela retomada do cuidado com o paciente, de se importar com o outro, de se colocar no lugar do outro.

Esses efeitos devem ocorrer da mesma forma em pacientes adultos, uma vez que os mesmos também vivenciam momentos de angústia, isolamento e medo. Essa prática poderá contribuir para um atendimento mais humanizado, ajudando inclusive na melhora do paciente.

2.1.4 Aplicação da Biblioterapia

A Biblioterapia começou a desenvolver-se primeiramente em ambientes hospitalares e clínicas de saúde mental. Mais tarde, passou a ser aplicada na educação, na medicina e no campo correcional. No tratamento psicológico é utilizada com crianças, jovens, adultos e idosos.

¹ Biblioterapia: um estudo teórico e clínico experimental.

Em 1975, Ratton salientou que a Biblioterapia poderia ser aplicada na educação, na reabilitação, na terapia e em indivíduos em diferentes faixas etárias com doenças físicas ou mentais, como crianças hospitalizadas, idosos, doentes mentais e presidiários.

Atualmente a técnica biblioterapêutica vem sendo desenvolvida para os perfis acima citados e também para adultos hospitalizados. Pode-se destacar que, embora diferentes, todos os grupos possuem uma característica em comum: a carência seja ela afetiva, emocional, social e de saúde.

A literatura em relação à Biblioterapia para adultos, adolescentes e idosos ainda é escassa, uma vez que ela é, preferencialmente, aplicada às crianças. Entretanto, para todos os usuários citados obteve-se resultados satisfatórios nos locais onde foi desenvolvida.

Seitz (2006) salienta que a Biblioterapia é indicada, em especial, para indivíduos que permanecerão internados por um determinado período em um leito hospitalar, sem exercer alguma atividade. No momento da escolha de um grupo para aplicar a técnica, é importante observar o período de internação, a fim de dar continuidade ao tratamento e estender, assim, uma relação paciente X funcionário. Acredita-se que, quanto mais tempo internado maior será a necessidade de desenvolver atividades que envolvam aspectos emocionais e o acolhimento.

2.1.5 A Técnica Biblioterapêutica

Conforme Caldin (2001), a técnica da Biblioterapia não trata apenas de criar uma sala de leitura em um hospital e entregar os materiais bibliográficos à pessoa enferma. Além de estimular o ato de ler, visa contemplar o comentário pós-leitura. É nessa relação entre mediador e paciente que este se sentirá acolhido, poderá refletir sobre seus problemas, suas atitudes e seus sentimentos.

Na hipótese de a técnica ser aceita pelo indivíduo, poderá vir a preencher os momentos de solidão e tristeza, trazendo otimismo e coragem para enfrentar a sua doença.

Em alguns casos, o material de leitura pode tornar-se o único objeto de lazer, uma vez que os pacientes encontram-se, muitas vezes, sem acesso aos meios de comunicação como rádio e televisão. Esta prática poderá ajudar a criar e incentivar o hábito de ler dentro do hospital, mostrando a leitura como algo prazeroso. Talvez muitos nunca tiveram a oportunidade de ler um livro ou consideram uma atividade “chata”, mas através deste trabalho biblioterapêutico, poderão levar o hábito da leitura para fora do hospital.

Para Lucas et al. (2006, p. 401),

... o livro fala. Conta um segredo. Cada um desvenda esse segredo do seu jeito, do jeito que mais gostar, do jeito que provoque suas emoções, que afaste a dor, que propicie a ilusão de ser outra pessoa, que permita atribuir à personagem seus medos

e fraquezas, que admita a apropriação de qualidades desejáveis da personagem, que favoreça a reflexão. Leitura/contação – interpretação – diálogo, nesse tripé fundamenta-se o método biblioterapêutico.

Neste processo, é fundamental a troca de interpretações, expor os sentimentos que a leitura proporcionou, a troca de gestos, de expressões de alegria, de angústia. Esse acompanhamento é que dá sentido à prática biblioterapêutica. É justamente isso que diferencia a Biblioterapia do incentivo à leitura. O texto a ser trabalhado pode ser lido, narrado, dramatizado; dependerá do objetivo a ser alcançado, do paciente, de sua debilitação, de seu nível cultural, de seu interesse.

Para Nascimento (2007, p. 9),

o diálogo pode ser uma fonte de restituição de vida em momentos de fragilidade angústia, desespero ou descrença. O poder da palavra pode significar para alguém uma mudança, uma nova esperança. Terapia entende-se como o poder mais vasto da palavra, ela vem acompanhada de carinho, atenção e cura.

Para Rattton (1975), após a leitura, narração ou dramatização, os comentários feitos em relação ao texto ajudam na comunicação e na interação, conduzindo o indivíduo a falar sobre o que leu e expressar-se sobre seus sentimentos.

A interpretação do texto e as mensagens que este nos traz são diferentes para cada indivíduo; por isso a importância da discussão. Através do debate sobre o texto lido, o assunto passa a ser abordado de forma mais descontraída, e os comentários tendem a enriquecer a prática. As diversas interpretações e conclusões permitem a criação de novos sentidos. A leitura estabelece um elo de ligação entre as pessoas, ocasionando melhora no convívio.

Conforme Bueno (2002, p. 160),

estas interações proporcionam uma sensação de alívio, pois aguçam a imaginação; conduzem a uma melhor interpretação da história; estimulam o raciocínio lógico e o senso crítico; reforçam a cultura devido à variedade de histórias e a diversidade de assuntos que pode-se explorar. Estimulando as crianças a pensar sobre o que leram e a dialogar, se estará ajudando no seu restabelecimento psicológico e emocional, libertando-as dos seus medos.

Creio que essa interação é muito importante também para o público adulto. Esse processo facilitará um diálogo, uma troca de sentimentos e emoções, que muitas vezes é difícil surgir naturalmente nos adultos, até porque, na maioria das vezes, eles sentem-se envergonhados de demonstrar seus sentimentos. Pode-se dizer, então, que o diálogo é o fundamento da Biblioterapia.

Segundo Bentes Pinto (2005, p. 40),

o incentivo à leitura, sem um acompanhamento terapêutico não pode ser definido como uma prática biblioterapêutica. É fundamental o acompanhamento de um mediador treinado para esta atividade, que pode ser um bibliotecário, um psicólogo, um enfermeiro, um assistente social ou ainda uma equipe multiprofissional. O resultado desta prática é o encontro entre o paciente que está enfrentando um

problema específico, com a pessoa disposta a lhe escutar e ajudar a encontrar uma solução para seus problemas.

Uma equipe formada por diferentes profissionais torna o trabalho muito mais sério e eficiente. Por tratar-se de uma prática interdisciplinar, ela pode ser desenvolvida em parceria entre bibliotecários, psicólogos, enfermeiros, pedagogos e assistentes sociais. A literatura também recomenda a cooperação entre bibliotecários e psicólogos para um bom desenvolvimento da técnica.

Caldin (2001) destaca que Biblioterapia e a Psicoterapia não devem ser confundidas. Enquanto a Psicoterapia é o encontro entre o paciente e o terapeuta, na Biblioterapia, o texto desempenha o papel de terapeuta, no qual o mediador é o ouvinte do leitor.

Conforme Ribeiro (2006), é importante realizar um estudo sobre o grupo de pacientes antes de escolher o material e programar as atividades, colhendo informações sobre a idade, escolaridade, áreas de interesse. Identificar a situação em que cada paciente se encontra, a fim de que ele se sinta preparado e aberto a participar da técnica.

Para obter um bom resultado na aplicação da Biblioterapia, é necessário que o mediador ou a equipe treinada para desenvolver esta atividade faça uma seleção do que será trabalhado, levando-se em consideração: o nível de conhecimento do paciente, a diversidade de interesses e o prognóstico sobre seu estado de saúde.

Escolher materiais que contenham situações familiares às do paciente, que traduzam os sentimentos e pensamentos das pessoas envolvidas sobre o tema abordado, respeitar as preferências individuais de cada um sobre o que gosta ou gostaria de ler no momento. Não é preciso separar leituras que tratem apenas da doença do paciente. Obras de literatura, como romances, contos, crônicas, obras de humor, podem proporcionar alegria, descontração e reflexão. Além de livros técnicos, de literatura e de revistas, podem ser utilizados outros materiais, como textos extraídos da Internet, artigos científicos, músicas, filmes. Também é possível desenvolver atividades musicais, teatrais e narração de histórias.

O mediador pode contribuir simplesmente ouvindo o paciente com atenção, demonstrando interesse e empatia. Não é necessário dar respostas visando à solução de seu problema. De maneira amigável, o facilitador acaba descobrindo o que o paciente está sentindo naquele momento, quais suas angústias, seus anseios, seus temores. Essa troca de idéias permite que esse contato transforme-se em uma relação mais próxima entre profissional e paciente, trazendo benefícios no processo de cura e possibilitando que o indivíduo hospitalizado se sinta acolhido.

2.2 A Leitura e sua Função Terapêutica

A leitura é uma atividade benéfica, sem contra-indicações, recomendada para qualquer idade, inclusive para bebês. Já está comprovada, através da literatura científica, sua função terapêutica no processo de cura. Ao ler, o indivíduo pode buscar informação e atualização em jornais, revistas e livros científicos, ou então, distrair-se, sonhar, rir, imaginar, através das obras de ficção.

A literatura tende a trabalhar com os conflitos emocionais, com o humor, com a descontração e com a interpretação dos textos. Já a leitura científica proporciona conhecimento sobre a situação enfrentada.

Pardini (2002) lembra que a cura através da leitura tem sido interpretada de formas diferentes por médicos, psicólogos e bibliotecários, porém enfoca que está bem claro em artigos científicos, que as bibliotecas hospitalares foram as primeiras a utilizarem o livro como material terapêutico.

Para Caldin (2001, p.1), “a função terapêutica da leitura admite a possibilidade de a literatura proporcionar a pacificação das emoções”. Segundo a autora, um texto literário transmite ao leitor um efeito de placidez; por essa razão, o ato de ler é visto como um processo sedativo e curativo.

Além do prazer do texto, a leitura oferece ao leitor, por identificação e cooperação textual, por apropriação e projeção, a possibilidade de descobrir uma segurança material e econômica, uma segurança emocional, uma alternativa à realidade, uma catarse dos conflitos e da agressividade, uma segurança espiritual, um sentimento de pertencimento, a abertura a outras culturas, sentimentos de amor, o engajamento na ação, valores individuais e pessoais, a superação das dificuldades, etc (OUAKNIN, 1996, p. 18).

A leitura favorece a reflexão. Ao ler uma obra de ficção, o indivíduo tem a possibilidade de vivenciar o personagem, aprender a lidar com situações difíceis e aplicar isso na vida real, proporcionando um ganho de equilíbrio emocional. Um livro de humor ajuda a minimizar as tristezas; uma obra dramática passará ao leitor que ele não é o único que está sofrendo, que podem existir problemas piores ou semelhantes aos que está enfrentando; permite perceber que há várias soluções para seu problema, buscando motivação e coragem para enfrentar a doença. Possibilita estimular o paciente a conversar sobre o que o aflige.

Assim como histórias de contos de fadas ajudam no desenvolvimento da criatividade e da imaginação da criança, para os adultos a literatura também é importante. Além de proporcionar uma descontração, o leitor pode vir a identificar-se com os personagens e vivenciar o que eles estão sentindo. A risada ajuda a amenizar a dor e a solidão.

A leitura consegue levar o indivíduo para mundos desconhecidos, ou para uma realidade semelhante a sua. Quando ficção faz sonhar, “viajar”, esquecer os problemas, medos e incertezas; ocupa o tempo ocioso, trabalha o processo emocional e a imaginação, proporciona uma sensação de bem-estar e relaxamento, alivia as tensões da rotina hospitalar e auxilia na mudança de comportamento. Quando científica, permite atualizar-se, trazendo novos assuntos, estimula o lado intelectual, retrata problemas reais, trabalha com a auto-estima, com a confiança, com a determinação e estimula novos interesses.

"A leitura é primeiramente um acontecimento solitário, um encontro privado com outro mundo, sozinho com o livro, sozinho consigo mesmo" (OUAKNIN, 1996, p. 16). Nesse momento particular, o indivíduo assimila informações do seu interesse, adquirindo novos conhecimentos e percepções do que foi lido.

Esta percepção está ligada às vivências de cada um; por esse motivo, a interpretação de um texto geralmente é diferente para cada leitor. A interpretação dependerá de seus conhecimentos, de sua cultura, de suas experiências. Essa interpretação individual também é evidenciada no pensamento de Caldin (2001, p. 6):

as palavras se seguem umas às outras – texto escrito e oralidade, o dito e o desdito, a afirmação e a negação, o fazer e o desfazer, o ler e o falar – em uma imbricação que conduz à reflexão, ao encontro das múltiplas verdades, em que o curar se configura como o abrir-se a uma outra dimensão.

De acordo com Ferreira (2003, p. 42), “a criação de um novo texto é concomitantemente ao significado que o texto adquire para o leitor. Conceitos podem ser transmitidos, mas significados são pessoais e intransferíveis”. Através da literatura, o leitor transita entre a realidade e a ficção, estimulando a imaginação e emoção.

Em seu trabalho de Biblioterapia desenvolvido para pessoas idosas, Castro (2005) conta que a relação dos idosos com a leitura é muito próxima, pois ela permite, principalmente para os que se encontram mais depressivos e carentes, que esqueçam por alguns instantes da situação que estão vivendo, distantes de seus familiares e de seu lar. Relata que, para eles, ler é vivenciar um novo mundo, sendo que muitos consideram uma fuga da realidade e afirmam que se sentem muito bem depois da leitura.

Percebemos, neste caso, a importância da leitura para amenizar a solidão e a tristeza, para proporcionar alguns momentos de felicidade, de sonho e de magia. Assim como acontece com idosos internados em geriatrias, esses sentimentos também ocorrem com adultos internados em hospitais.

A leitura abre e desdobra novas dimensões da realidade ao suspender o mundo real para entrar no mundo do texto, penetrando na imaginação, produz uma leitura de

novas possibilidades fazendo com que a leitura seja introduzida nas variações do ego, gerando uma metamorfose do mundo (OUAKNIN, 1996, p. 197).

2.3 Biblioterapia como Proposta de Humanização

Permanecer hospitalizado, na maioria das vezes causa medo e sofrimento, principalmente se for a primeira vez. O afastamento de sua casa, da família, dos amigos, do trabalho, esta impossibilidade de contato com o mundo lá fora, vem acompanhado por sensações de isolamento e tristeza.

Silva (1992, p. 6) salienta que “a hospitalização, por mais simples que seja o motivo, tende a levar a uma experiência negativa. Os desconfortos físico, moral, espiritual e o medo da morte podem gerar sofrimentos”. A fim de amenizar essas sensações, há alguns anos os hospitais vêm buscando estratégias para humanizar a assistência hospitalar.

A Política de Humanização da Assistência à Saúde tem como característica a humanização das práticas e cuidados de saúde, melhorando a qualidade da atenção dispensada ao paciente. Este não deve ser visto como um corpo doente, mas como um ser humano. Pessini (2002) afirma que não podemos considerar somente a doença do indivíduo, reduzindo-o à biologia pura. O ser humano deve ser visto como um todo, um nó de relações, um indivíduo que possui corpo e coração. O mais importante não deve ser curar uma doença, mas sim curar e cuidar do doente.

De acordo com Nascimento (2007, p. 9),

atualmente entre tantas atividades e estratégias desenvolvidas nos hospitais, que têm tornado a internação um processo mais humanizado e menos agressivo ao ser humano, a biblioterapia vem a ser um mecanismo de promoção da vida, uma vez que, metodologicamente, propicia respostas, mesmo que provisórias, para questionamentos provenientes do momento de reclusão humana. Como enganar a dor? Como driblar o sofrimento? Muitas vezes os pacientes encontram essas respostas em si, no outro, nas histórias narradas, nas experiências compartilhadas.

A Biblioterapia pode ser vista como uma maneira de humanizar o atendimento ao paciente. Em seu artigo sobre as reações de crianças enfermas internadas, acompanhantes, mediadores e profissionais de saúde frente à estratégia de humanização por mediação da leitura desenvolvida no Projeto Biblioteca Viva, Moreno (2003) relata que a estratégia de humanização aliviou tensões e ansiedades e propiciou momentos de entretenimento, contribuindo para uma evolução clínica satisfatória. Em alguns casos, conseguiu aliar a família como co-participante do processo de cura da criança enferma e não apenas em um mero espectador. Adicionalmente, contribuiu para o desenvolvimento do hábito pela leitura.

A atenção integral de um paciente no hospital seria o esforço de uma abordagem completa, holística, portanto integral, de cada pessoa portadora de necessidades de saúde que, por um certo período de sua vida, precisasse de cuidados hospitalares.

Tal abordagem implicaria garantir desde o consumo de todas as tecnologias de saúde disponíveis para melhorar e prolongar a vida, até a criação de um ambiente que resultasse em conforto e segurança para a pessoa hospitalizada (CECILIO, 2003, p. 1).

Conforme Solla (2005), o acolhimento é a humanização do atendimento, é garantir atendimento a todas as pessoas, é escutar os problemas do indivíduo e auxiliá-lo na busca de uma solução. Fazer com que o paciente se sinta especial, mesmo que ele saiba que é só mais um entre tantos, é importante no processo de humanização. Através do método biblioterapêutico, o paciente se sentirá acolhido. O acolhimento dá ênfase à solidariedade; conversar e ouvir o paciente faz com que ele se sinta melhor no ambiente hospitalar.

Para Nascimento (2007), a Biblioterapia, principalmente quando praticada com pacientes em tratamento hospitalar, pode ser entendida como um processo que institui novas formas de ser e estar no mundo, em que as pessoas encontram-se afastadas do convívio familiar e fragilizadas por causa do seu estado de saúde.

É um momento para aliviar o sofrimento e a solidão de pacientes e acompanhantes, um momento de descontração, no qual através de visitas constantes, estabelece-se uma relação afetiva, pacientes e familiares são reconhecidos pelo nome e, por alguns instantes, o diálogo estabelecido não é relacionado à doença.

Silva (2002, p. 77) evidencia que

fazer alguém se sentir especial depende muito mais da disponibilidade, intenção e capacidade do profissional de saúde do que das condições financeiras e recursos materiais que ele possa dispor naquele momento. Todos temos “bilhetinhos” que não conseguimos jogar fora, porque nos foi dado em um momento especial; todos temos momentos em que nos lembramos de alguém com carinho, mesmo que não recordemos exatamente do que a pessoa nos disse, porém fica a lembrança da presença dessa pessoa, em um momento importante para nós. Podemos fazer o paciente se sentir especial quando, mesmo tendo apenas 30 segundos, nos aproximamos dele, sentamos ao seu lado e dizemos, olhando em seus olhos: “Eu só tenho 30 segundos, mas me conte como você está hoje”.

Silva (2002) lembra que sorrir, acenar com a mão, um olhar, o toque no ombro ou na mão, o tom de voz, chamar o indivíduo pelo nome, preocupar-se realmente em como ele está se sentindo, o saber ouvir, às vezes, até um momento de silêncio, são sinais que auxiliam na relação com o paciente. Esses gestos também devem ser praticados no método biblioterapêutico, a fim de ajudar a pessoa enferma a verbalizar e exteriorizar suas angústias e auxiliá-la na mudança de comportamento, proporcionando um vínculo importante para sua recuperação.

“Além da leitura, os comentários, os gestos, os sorrisos, os encontros são também terapêuticos à medida que fornecem a garantia de que não estamos sozinhos” (CALDIN, 2001, p. 8). O gesto de olhar no olho do paciente, um olhar sensível e acolhedor, tende a

despertar no indivíduo um sentimento de confiança e solidariedade. A humanização depende da capacidade do funcionário de falar e saber ouvir.

Para Mota (2006), a principal característica do processo de humanização é o cuidado do paciente e o seu bem-estar físico, mental, social e espiritual e é este trabalho que a Biblioterapia tem a pretensão de desenvolver; é por isso que está presente em vários projetos de humanização hospitalar no país.

2.3.1 Propostas Biblioterapêuticas Desenvolvidas no País

A prática biblioterapêutica vem acontecendo em diversos hospitais do Brasil, principalmente nas unidades pediátricas. Diferentes atividades são desenvolvidas, como a contação de histórias por voluntariados, conhecida como Hora do Conto e visitas de grupos como “Os Doutores da Alegria” e similares, que levam descontração através de palhaçadas, brincadeiras e narração de histórias. Os resultados desse trabalho são bastante satisfatórios na recuperação das crianças. Entre eles, pode-se citar o alívio de seus medos e angústias e um crescimento emocional e psicológico. Proporciona, assim, uma hospitalização menos dolorosa e agressiva, humanizando o tratamento hospitalar.

O Projeto Biblioteca Viva surgiu em 2001, como uma proposta de humanização no atendimento de crianças hospitalizadas. É uma parceria da Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos – ABRINQ e do Banco Citibank. Em uma ação com o Ministério da Saúde, chegou aos hospitais com livros e histórias para as crianças e jovens que se encontram nas salas de espera, enfermarias e espaços hospitalares em todo o país. Tem como objetivos promover a reconstituição de um espaço de vitalidade, de preservação e de desenvolvimento da saúde psíquica com as crianças em situação de internação hospitalar ou atendimento ambulatorial, aumentar a aceitabilidade em relação ao tratamento e à situação de internação hospitalar.

No setor de pediatria do Hospital São Lucas da PUCRS, é desenvolvido há dez anos, o projeto “Literatura Infantil e Medicina Pediátrica: uma aproximação de integração humana”, no qual são desenvolvidas atividades de narrações de histórias para crianças enfermas de seis meses a doze anos de idade, tendo como finalidade transmitir afeto, carinho, alegria, entre outros sentimentos que podem ajudar em sua recuperação.

No Hospital de Clínicas de Porto Alegre, acontece a narração de histórias para crianças hospitalizadas, conhecida como “Hora do Conto”.

Com o objetivo de humanizar o processo de tratamento das crianças através da leitura de histórias com fins terapêuticos, em 2002, Clarice Caldin aplicou a Biblioterapia no

Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como um projeto de extensão universitária, executado por alunos do curso de Biblioteconomia da UFSC. Constataram como resultados que a literatura forneceu um suporte emocional às crianças, através do resgate do sonho e do encantamento das histórias lidas. Outro ponto positivo foi que as crianças passaram a ter interesse pelos livros.

A prática da Biblioterapia no Hospital Bruno Born em Lajeado, além de crianças, contempla também pacientes adultos através de uma biblioteca móvel que circula pelo hospital nos setores de internação.

Hoje existem hospitais espalhados pelo país que, além do público infantil, realizam um trabalho especial com adolescentes, adultos e idosos. A prática da Biblioterapia no Hospital Bruno Born em Lajeado, além de crianças, contempla também pacientes adultos através de uma biblioteca móvel que circula pelo hospital nos setores de internação.

Em 2000, Eva Seitz implantou a Biblioterapia para pacientes adultos internados no Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina. O programa apresentou como enfoque o lazer e a humanização e vem obtendo resultados positivos na auto-estima e melhora dos pacientes, pois segundo a autora, oportuniza momentos alegres e descontraídos, contribuindo na promoção do bem-estar. Salienta ainda que a leitura vista como uma atividade de lazer reduz o medo, a ansiedade e a angústia inerente à hospitalização e à doença.

Em Bento Gonçalves, o Hospital Tacchini desenvolve um projeto de Biblioterapia para adultos hospitalizados em parceria com a Biblioteca Pública do município e com a ONG Parceiros Voluntários. Oferece material bibliográfico para leitura e a narração de histórias.

Em 2005, foi criado em São Paulo o projeto Dose Diária por Laé de Souza, no qual são disponibilizados livros de crônicas para pacientes adultos internados e para seus acompanhantes. Tem como objetivo incentivar o hábito da leitura, proporcionando entretenimento em hospitais e ajudar os enfermos a manterem contato com o mundo exterior. O programa já atingiu 20.000 leitores e, atualmente, está sendo aplicado no Instituto do Coração do Hospital das Clínicas - INCOR, no Hospital Nove de Julho e no Hospital São Cristóvão.

Em 2006, o Hospital Geral Santa Isabel (HGSI), em João Pessoa, implantou o projeto de Biblioterapia para adultos na unidade hospitalar. O principal objetivo foi utilizar a leitura como instrumento terapêutico para os pacientes e os acompanhantes durante o período de permanência no hospital. A expectativa é que essa prática transforme a maneira como os pacientes e os profissionais da saúde lidam com o dia-a-dia das atividades do HGSI.

O Hospital Regional de Assis em São Paulo vem utilizando a leitura em seu programa de humanização. Em 2007, implantou os seguintes projetos: o primeiro, conhecido como Programa Leia Comigo, tem como objetivo oferecer leitura para adultos, com a finalidade de minimizar o estado de tensão que envolve o indivíduo em tratamento de saúde e seus familiares e ainda propiciar oportunidades de lazer e cultura. Acredita-se que preencher o tempo ocioso destes pacientes com atividades de leitura contribuirá significativamente para melhoria do estado psicológico do paciente. O segundo projeto é o Programa Murucututu, cujo objetivo é contar histórias para pacientes internados na UTI, Clínica Médica e Obstetrícia, e equipes, com a finalidade de auxiliar na humanização da assistência.

Além de hospitais, a Biblioterapia vem ganhando outros destaques como, em clínicas e casas de repouso para idosos, com o objetivo de ajudar a diminuir a depressão e aumentar o equilíbrio psicológico; em presídios, atuando como um programa correccional e na área da educação. Em 1996, Pereira desenvolveu um trabalho de Biblioterapia para deficientes visuais em bibliotecas públicas em João Pessoa.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Analisar a importância da prática da Biblioterapia como auxiliar no processo de tratamento de pacientes adultos internados em uma unidade hospitalar.

3.2 Objetivos Específicos

- Identificar se a Biblioterapia poderá trazer benefícios para os pacientes adultos;
- Avaliar se a técnica biblioterapêutica pode vir a ser desenvolvida como uma estratégia de humanização;
- Examinar o interesse pela leitura como uma atividade de lazer.

4 METODOLOGIA

4.1 Pesquisa

A fim de se obter um maior conhecimento sobre o papel da Biblioterapia nos hospitais para pacientes adultos, será feito um estudo exploratório através da pesquisa qualitativa.

De acordo com Minayo (2002, p. 21),

a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações.

Para Gil (1999), o estudo exploratório procura desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, proporcionando uma visão geral acerca do assunto pesquisado.

4.2 Participantes

O projeto será desenvolvido no Serviço de Oncologia e Hematologia do Hospital Nossa Senhora da Conceição. O grupo de participantes será constituído por dez pacientes da Hematologia, sendo cinco pacientes do sexo masculino e cinco pacientes do sexo feminino.

Para a seleção dos entrevistados, será levado em consideração o desejo de participar, ser alfabetizado, estar lúcido e ter idade entre 25 a 60 anos. A determinação desta faixa etária é porque a pesquisa será desenvolvida com pacientes adultos, sendo excluídos pacientes adolescentes e idosos.

A escolha deste setor se deve ao fato de os pacientes permanecerem internados por um período geralmente superior a dez dias, por não estarem cercados de muita aparelhagem médica, por seu estado de lucidez e também por, não possuírem nenhuma atividade de lazer, e, conforme a literatura indica, encontram-se mais fragilizados por estarem há algum tempo em um ambiente hospitalar, sem contato com o ambiente exterior, além de muitos estarem abalados emocionalmente por causa da doença.

4.3 Instrumentos

Os dados serão coletados utilizando, como instrumentos de pesquisa, a observação participante e a entrevista semi-estruturada.

Conforme Minayo (2002), a técnica da observação permite captar inúmeras situações que não são obtidas através de perguntas. Acontece através do contato do pesquisador com o objeto em estudo.

De acordo com Triviños (1996, p. 153), “observar é destacar de um conjunto algo especificamente, prestando atenção em suas características”.

Para Mann (1975, p. 95), “observação participante refere-se a uma situação onde o observador fica tão próximo quanto um membro do grupo do qual ele está estudando e participa das atividades normais deste”.

Após a observação participante, será realizada a entrevista. Minayo (2002, p. 57) a define “como uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Serve como um meio de coleta de informação sobre um determinado tema científico”. Ainda segundo Minayo (2002), a entrevista é indicada quando se deseja obter informações sobre o que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam.

Escolheu-se trabalhar com a entrevista semi-estruturada, pois, de acordo com Triviños (1995, p. 146), ela “valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”. A entrevista acontecerá dois dias após a segunda aplicação e será realizada com os participantes das duas sessões biblioterapêuticas.

4.4 Procedimento de Coleta dos Dados

Primeiramente, será feito um contato com o responsável pelo setor, a fim de solicitar autorização para realizar a observação participante e as entrevistas, para esclarecer o objetivo da pesquisa e combinar o melhor momento para entrevistar e aplicar a prática biblioterapêutica com os pacientes. Os dados serão coletados somente após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética do Grupo Hospitalar Conceição.

A observação participante será realizada através da aplicação da prática biblioterapêutica em dois momentos distintos, com um intervalo de cinco dias entre eles.

Serão visitados alguns quartos para estudo de dez pacientes. No primeiro momento, será explicada a proposta do projeto, a definição de Biblioterapia e como ela vem sendo aplicada nos hospitais. Após, será entregue aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B) para preenchimento e esclarecimento de possíveis dúvidas. O próximo passo é oferecer livros e revistas para pacientes que tiverem interesse em participar da atividade. Como cada indivíduo tem características peculiares e é fundamental levar em

conta o interesse e o perfil de cada indivíduo, serão oferecidos diferentes tipos de materiais como: obras de literatura, como poesia, romance, contos, crônicas, obras de humor, livros e revistas com assuntos atuais ou científicos: Veja, Época, Superinteressante, como também revistas femininas, masculinas e gibis. Após a leitura individual, haverá um momento em que as pessoas poderão comentar sobre o que leram com os colegas de quarto, ou apenas com a pesquisadora, conforme seu interesse e dependendo da interação existente entre os pacientes.

Este momento pós-leitura será uma oportunidade de dialogar e opinar sobre o que achou da leitura. A interpretação de textos é vista como uma possibilidade de terapia. Estaremos trabalhando com o lado emocional do paciente, pois, durante a leitura, ele pode vir a se identificar com o personagem, ou vir a se envolver emocionalmente na história, ocasionando uma liberação de idéias e emoções. Ele poderá refletir sobre sua situação, obter informações referentes ao seu problema, ou se sentir menos triste ou tenso, devido à descontração causada pelo texto lido.

Durante a observação participante, também será observado o estado emocional do paciente, verificando se ele encontra-se triste, alegre, entediado, indiferente, agressivo, se recebe visita ou se permanece a maior parte do tempo sozinho.

Dois dias após a segunda aplicação da Biblioterapia, será realizada uma entrevista com os participantes das duas sessões, a fim de obter sua opinião sobre a técnica da Biblioterapia durante sua internação. As entrevistas serão gravadas em áudio e transcritas literalmente para categorização, análise e apresentação dos dados. Será seguido um roteiro com dez questões. (Apêndice A).

4.5 Análise dos Dados

Segundo Gil (1999), a fase de análise e interpretação visa organizar os dados de modo que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto.

Em um primeiro momento, será feita a análise dos dados transcritos durante a observação e, posteriormente, a análise e transcrição das entrevistas. O procedimento escolhido para a realização desta etapa será o método da Análise de Conteúdo proposto por Bardin (1977).

De acordo com Bardin (1977, p. 42), a Análise de Conteúdo pode ser entendida como:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Ainda de acordo com Bardin (1977), esse método permite sistematizar o conteúdo das mensagens, a partir de um conjunto de técnicas. Tem como objetivo a ultrapassagem da incerteza e o enriquecimento da leitura, ou seja, a necessidade de descobrir. Uma das suas características é buscar o entendimento da comunicação entre os homens, apoiando-se no (re) conhecimento do conteúdo da mensagem. Tem interesse no que se quis dizer naquela mensagem e não apenas com o que se diz.

Para Triviños (1995), a Análise de Conteúdo é um meio para estudar as comunicações entre os homens, dando ênfase no conteúdo das mensagens. Caracteriza-se por estudar as motivações, atitudes, valores e tendências, pode ser aplicada tanto na pesquisa quantitativa como também na qualitativa.

“Através da Análise de Conteúdo, podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação” (MINAYO, 2002, p. 74).

Será obtida a opinião dos pacientes adultos internados no Hospital Nossa Senhora da Conceição sobre a prática da Biblioterapia. Os dados serão comparados com a literatura existente, a fim de verificar se esses confirmam a teoria, ou seja, analisar se a Biblioterapia tem ou não função terapêutica para o público adulto e se eles têm ou não interesse em participar desta técnica em um ambiente hospitalar.

4.6 Aspectos Éticos

O projeto será encaminhado ao Comitê de Ética e Pesquisa do Grupo Hospitalar Conceição para análise e consentimento. A participação dos entrevistados se dará de forma voluntária, sendo que os mesmos poderão abandonar a pesquisa caso não se sentirem à vontade. A identidade do entrevistado, bem como outros dados confidenciais serão mantidos em sigilo. O entrevistado receberá os esclarecimentos recomendados e assinará um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

4.7 Divulgação

O resultado desta pesquisa será divulgado através de um relatório entregue ao responsável pelo setor objeto da pesquisa e de cartazes expostos em murais no local pesquisado. Também será publicado como artigo em uma revista nacional na área da

Biblioteconomia. Pretende-se divulgar também realizando uma apresentação em jornadas e congressos.

6 ORÇAMENTO

MATERIAL	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO - R\$	VALOR TOTAL - R\$
Gravador portátil	1	200,00	200,00
Fitas cassete para gravação	5	5,00	25,00
Pastas plásticas	2	20,00	40,00
Sacos plásticos	10	0,20	2,00
Canetas	5	2,00	10,00
Lápis	3	1,50	4,50
Borracha	1	2,00	2,00
Cds	3	1,00	3,00
Folhas de ofício	500	-	20,00
Envelopes	10	0,50	5,00
Cartucho para impressão	2	100,00	200,00
Transporte	200	2,10	410,00
Encadernação	5	4,00	20,00
Fotocópias	100	0,15	15,00
Estagiário	1	400,00	400,00
TOTAL			1.356,50

* Os custos da pesquisa serão de responsabilidade do pesquisador, não acarretando gastos para a instituição.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 1/2, p. 54-61, jan./jun. 1982.

BALDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BIBLIOTECA PÚBLICA CASTRO ALVES. **Biblioteca Pública Castro Alves**. Bento Gonçalves, 2007. 1 folder.

BUENO, Silvana Beatriz; CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicação da biblioterapia em crianças enfermas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2002. Disponível em:

<<http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/include/getdoc.php?id=213&article=70&mode=pdf>>.

Acesso em: 15 out. 2007.

BENTES PINTO, Virginia. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31-43, jan./abr. 2005.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia para crianças internadas no Hospital Universitário da UFSC: uma experiência. **Encontros Bibli: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 14, out. 2002. Disponível em: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_14/clarice.pdf>. Acesso em: 14 out. 2007.

_____. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 12, dez. 2001. Disponível em: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_12/caldin.pdf>. Acesso em: 18 set. 2007.

CASTRO, Rachel Barbosa de; PINHEIRO, Edna Gomes. Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa. **Biblionline**, João Pessoa, v. 1, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/search/advancedResults>>. Acesso em: 23 out. 2007.

CECILIO, Luiz Carlos de Oliveira; MERHY, Emerson Elias. A integralidade do cuidado como eixo da gestão hospitalar. In: PINHEIRO, Roseni; MATTOS, Ruben Araújo (Orgs). **Construção da integralidade: cotidiano, saberes e práticas em saúde**. Rio de Janeiro: IMS/ABRASCO, 2003.

CRUZ, Anamaria da Costa; MENDES, Maria Tereza Reis. **Trabalhos acadêmicos, dissertações e teses: estrutura e apresentação (NBR 14724/2002)**. Niterói: Intertexto, 2003.

DOUTORES da alegria. Disponível em: <<http://www.doutoresdaalegria.org.br>>. Acesso em: 29 set. 2007.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 4, n. 2, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.bibli.fae.unicamp.br/etd/biblioterapia.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

HOSPITAL BRUNO BORN. **Projeto de Biblioterapia**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por ssocial@hbb.com.br em 26 out. 2007.

HOSPITAL REGIONAL DE ASSIS. **Plano diretor institucional 2007**. Disponível em: <<http://www.hra.famema.br/visualizar.php?id=52>>. Acesso em: 01 out. 2007.

HOSPITAL Santa Isabel inicia o projeto de Biblioterapia. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/?n=4023>>. Acesso em: 29 set. 2007.

HOSPITAL SÃO LUCAS DA PUCRS. **Projeto literatura infantil e medicina pediátrica**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por mtamodeo@pucrs.br em 24 out. 2007.

LUCAS, Eliane R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectiva em Ciências da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 398-415, set./dez. 2006.

MANN, Peter H. **Métodos de investigação sociológica**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORENO, Regina Lúcia Ribeiro et al. Contar histórias para crianças hospitalizadas: relato de uma estratégia de humanização. **Pediatria (São Paulo)**, São Paulo, n. 25, v. 4, 2003. Disponível em: <<http://www.pediatrasiapaulo.usp.br/index.php?p=html&id=593>>. Acesso em: 15 set. 2007.

MOTA, Roberta Araújo; MARTINS, Cileide Guedes de Melo; VÉRAS, Renata Meira. Papel dos profissionais de saúde na política de humanização hospitalar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a10.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2007.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PARDINI, Maria Aparecida. Biblioterapia! Encontro perfeito entre o bibliotecário, o livro e o leitor no processo de cura através da leitura. Estamos preparados para essa realidade? In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 12., 2002, Recife. **Anais...** Recife: [s.n.], 2002. Disponível em: <<http://www.sibi.ufrj.br/snbu/snbu2002/oralpdf/87.a.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2007.

PESSINI, Léo. Humanização da dor e sofrimento humanos no contexto hospitalar. **Revista Bioética**, Brasília, v. 10, n. 2, 2002. Disponível em: <<http://www.portalmedico.org.br/revista/bio10v2.htm>>. Acesso em: 20 out. 2007.

PROGRAMA Biblioteca Viva. Disponível em: <<http://www.fundabrinq.org.br/>>. Acesso em 03 out. 2007.

RATTON, Ângela M. L. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 198-214, set. 1975.

RIBEIRO, Gizele. Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 112-126, jan./jun. 2006.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. Florianópolis: Habitus, 2006.

SILVA, Maria Júlia Paes da. O papel da comunicação na humanização da atenção à saúde. **Revista Bioética**, Brasília, v. 10, n. 2, 2002. Disponível em: <<http://www.portalmedico.org.br/revista/bio10v2.htm>>. Acesso em: 20 out. 2007.

SOLLA, Jorge José Santos Pereira. Acolhimento no sistema municipal de saúde. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 5, n. 4, out./dez. 2005.

SOUZA, Laé de. **Projetos de leitura**. Disponível em: <<http://www.projetosdeleitura.com.br>>. Acesso em: 22 set. 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

APÊNDICE A

Questões para Entrevista Semi-Estruturada

1. Você gosta de ler?
2. Você costuma ler (livros, jornais, revistas)? Com que frequência?
3. Durante o período de internação, sente falta de algum meio de comunicação (TV, rádio, jornais, revistas, livros)?
4. O que você achou dessa atividade biblioterapêutica que participou em dois momentos?
5. Que sensações essa atividade despertou em você?
6. O que você achou do material de leitura fornecido?
7. Acha que essa atividade poderia lhe ajudar em algo ou em alguma situação durante a internação no hospital? Se sim, em que?
8. Você sente necessidade de conversar com os profissionais que trabalham aqui no hospital sobre suas angústias e medos, ou sobre um assunto qualquer que não seja relacionado a sua doença?
9. Após as atividades de leitura desenvolvida pela pesquisadora, você sentiu vontade de comentar o assunto lido com os colegas de quarto ou com a pesquisadora?
10. Após a atividade desenvolvida, você passou a conversar com seus companheiros de quarto? () sim () não () já conversava antes das atividades

APÊNDICE B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Biblioterapia para Pacientes Adultos Internados em uma Unidade Hospitalar: uma proposta de humanização”.

O objetivo deste trabalho é analisar a importância da prática da Biblioterapia em pacientes adultos internados em uma unidade hospitalar. Define-se Biblioterapia como uma técnica com função terapêutica que tem por finalidade auxiliar na solução de problemas por meio da leitura dirigida, além de proporcionar momentos de descontração e lazer.

Você participará de dois encontros onde será desenvolvida a prática biblioterapêutica e de uma entrevista individual. A entrevista terá duração de aproximadamente trinta minutos, será gravada e transcrita literalmente para posterior análise. A entrevista será realizada em um local que garanta o sigilo das informações e o anonimato do participante.

A sua participação é voluntária e sua recusa em participar não irá acarretar nenhum problema posterior. Você poderá desistir de fazer parte da pesquisa em qualquer momento. Sua identidade e dados serão mantidos em sigilo, sendo que os resultados da pesquisa poderão ser publicados. Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar.

Uma cópia deste consentimento assinado ficará sob a guarda da pesquisadora por cinco anos e após será destruída, e outra será fornecida a você.

Fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações.

Declaro que concordo em participar desse estudo e recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Caso tiver novas perguntas sobre este estudo, poderei entrar em contato com a pesquisadora através do endereço e telefone abaixo citados. Qualquer dúvida ética poderei entrar em contato com Dr. Lauro Luís Hagemann, Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa do GHC pelo telefone 3357-2407.

Nome do participante: _____

Assinatura: _____

Local e Data: _____

Nome da Pesquisadora: **Luciane Berto Benedetti**

Assinatura: _____

Endereço: _____

Tel.: _____

E-mail: _____

Local e Data: _____